

Elementos estéticos do trabalho científico: sua importância para a prática pedagógica do educador

Wanderley Gurgel de Almeida*

Este artigo traz algumas reflexões sobre a validade da prática pedagógica, quando quem a dirige, muitas vezes faz um discurso científico e ergue uma postura pseudo-científica. Então é, ainda, um primeiro olhar direcionado para o sentido e as consequências na aprendizagem a partir do conhecimento teórico e prático do professor com o “fazer científico”, ou seja, com os meios da produção científica.

Por ser um olhar de quem está envolvido tanto por conhecimentos teóricos quanto experiências que buscam alcançar uma práxis, daí ser este pensar ainda modesto, de quem o exercita, olhando para o passado e presente, com o objetivo de facilitar a aquisição de um saber com possibilidades reais de ser inscrito e expresso no ser de quem está no processo ensinar – aprender há 7 anos.

Preparando-se para um olhar

Para que haja uma melhor comunicação dos objetivos deste trabalho, necessita-se um esclarecimento sobre a construção do olhar, ou seja, das “lentes” existentes e empregadas nesta visão endógena e exógena dos reflexos da prática pedagógica não científica.

No curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande no Norte (URRN) no período de 1990 a 1994, participei de vários Encontros de Coordenadores de Projetos, e a princípio, essa participação era feita apenas para estar “inteirado” das atividades que vinham sendo realizadas e aquelas que estavam por fazer.

Simultaneamente à graduação, era bolsista do Programa Especial de Treinamento em Ciências Sociais – PETCIS – evento que reunia atividades de estudo e prática de pesquisas teóricas e de campo, com direcionamento e concentração antropológicos.

Quando em 1997, cursei Especialização em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica, fui revivendo cenas anteriores, a medida em que percebia o quanto o fazer necessitava do saber a fim de ser.

* Licenciado em Ciências Sociais e Especialista em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Professor de Didática na Escola Estadual de Formação de Professores de Boa Vista – RR, e Prof. Voluntário de Ecologia Cultural pelo Depto. de Antropologia da UFRR. Texto apresentado durante o Seminário Científico Pedagógico da Amazônia – Universidade de Matanzas “Camillo Cienfuegos” – CUBA Escola Técnica Federal de Roraima (28 e 29 de fev. 2000)

Outro cenário que compõe esta visão, é a experiência de ensino realizada concomitantemente a estes estudos. Como residia no interior do Estado, não era estranho e difícil encontrar algum graduando ou graduado exercendo o magistério. Assim aconteceu comigo. Neste período, estive como professor de Inglês, Língua e Literatura Brasileira, História, História da Educação, Sociologia e Psicologia, bem como pude vivenciar até a função de Supervisor e Diretor Escolar, e Coordenador da Secretaria Municipal de Educação do Município de Caraúbas – RN.

Assim sendo, e com os constantes constrangimentos que sentia ao ver e ter o meu fazer pedagógico analisado, dei-me conta da gravidade dos inválidos procedimentos de estudo, ensino e produção de textos e pesquisas que eram feitos por mim, por meus colegas de cursos, alunos e companheiros professores, causando-me uma sensação não de quem está à margem de um poço, mas de quem está no fundo dele.

Ainda na Especialização, encontrei condicionamentos para realizar pesquisa e Monografia sobre uma questão bastante discutida naquela época, envolvendo a possibilidade de uma resistência ao discurso da Escola Frankfurtiana, de reprodução ideológica. Este trabalho foi feito sobre gincanas escolares, com o propósito de verificar se era possível a instalação de resistência em meio à reprodução, dentro de uma atividade bastante realizada em diferentes escolas.

Quando em março de 1998 cheguei a Boa Vista - RR, já tinha consciência das dificuldades que trazia, mas também coragem e algumas reflexões sobre como enfrentar as múltiplas barreiras presentes no processo ensinar-aprender sobretudo, no fazer pedagógico.

Aqui, a realidade constatada por onde passei, era igualmente manifestada. Junto a graduandos do Curso de Ciências Sociais, Comunicação Social e algumas outras licenciaturas da Universidade federal de Roraima, Escola Técnica federal de Roraima e Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, em que fui professor substituto nas áreas de Antropologia e Educação, testemunhei dificuldades diversas, todas envolvendo esta problemática. Alunos e colegas professores apresentavam muitas dúvidas que iam desde formas elementares de leitura, redação e organização científica, além de “ruídos” quando da apresentação de trabalhos que elaboravam. Ou ainda, um fator mais marcante: problemas no saber-fazer pedagógico, traziam dificuldades na exposição-construção do saber e, daí, na decodificação e aprendizagem. Uma correlação entre o saber, o ser e o saber-fazer científicos.

Com apoio nos elementos mencionados, há fortes vestígios para que se estude as interferências da forma de condução do saber científico na aprendizagem, sobretudo na expressão exterior desse Conhecimento, ou seja, na estética do trabalho científico.

Um olhar ao horizonte

Sendo a construção do saber um processo que além do movimento, tem dinâmicas diversificadas, esta atividade requer competências abstratas e corretas dos atores que nela interagem, porque interpretam múltiplas realidades, em cenários muitas vezes ímpares.

O papel social do educador, hoje, já não se perfila, apenas, pela detenção de saberes teóricos e empíricos. Mas, quer um canal condutor de transformações internas e externas de pensamentos e comportamentos, estando imbuído de poderes gestores e capazes de gerarem auto superação individual e coletiva.

Aonde encontrar instrumentos e habilidades promotores dessa competência? Uma primeira indicação encontra-se a partir da concepção de escola, local primeiro da ação do educador, base bastante considerável para vê-la com a tarefa de “transmissão-criação sistematizada da cultura, entendida como o resultado da intervenção dos homens na realidade, transformando-a e transformando a si mesmos” (RIOS, 1997:45).

Substantivamente, este educador-transformador deve buscar e até fazer a própria aprendizagem, porque é parte integrante dessa ação educativa. E, sendo o ato educativo escolar um fenômeno global que a tudo e a todos recorre e permeia, faz-se social e universalmente, porque tem metas definidas tanto nas políticas de financiamento e gestão, quanto no ensino, currículos e programas, extensivos a processos de ensinar e aprender como um todo.

Nesta razão, é justo lembrar o pensamento de LIBÂNEO ao considerar que o canal-instrumento do educador é a ação educativa ou mesmo a prática educativa:

“Não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade” (1992:17).

Portanto, educar não é exercer uma função pedagógica qualquer ou apenas desenvolver este ou aquele programa de ensino. Para além disto, educar na escola é um processo ao qual o professor não se “apresenta” simplesmente, pois o ensinar-aprender preexiste a ele, considerando-se o processo natural e cultural perpassado através da convivência grupal. Enfaticamente, ele deve buscar e dominar múltiplos saberes teóricos e práticos; pois como alguém pode estimular uma pessoa a desvendar aspectos obscuros da vida, da natureza e do universo, se ele próprio não assim procede? E se procede, que garantias, embora que provisórias, pode dispor ao aprendiz?

Para tanto, o educador precisa despertar para a consciência de que os resultados de

seu trabalho permanecem na vida do educando. O que se aprende na escola, geralmente põe-se como parâmetro maior, seja na linguagem, no comportamento ou mesmo em qualquer escala de valores, individuais e grupais. E a seguir, passa-se a difundir o que foi apreendido daquele que o ensinou na escola.

Assim, qualquer ensino ou ação educativa escolar, nem sempre é útil a uma perspectiva de sociedade mais solidária e menos desigual em todos os aspectos. Se o educador firma seus passos em caminhos que conhece, se é capaz de ensinar a outros educadores e educandos os passos do caminhar, se sabe ser e fazer aprendizados; então, o conhecimento que resulta da interatividade entre ele, o educando e educadores em qualquer cenário em que estejam interpretando, ocorre melhores possibilidades de superação para problemas e construção de pensamentos e atitudes mais solidárias.

Ser novo, postura nova – um desafio pedagógico do educador

Com toda a importância que tem, o saber popular traz suas virtudes e dificuldades. Sua composição e manifestação se dispõem ao educador como subsídio, ponte para a transposição do dogmatismo e condição assistemática no enfoque pedagógico científico.

Sendo a escola um ambiente transformador de diferentes saberes, cumpre a missão de despertar no educando de qualquer nível ou modalidade de ensino, a intuição e o ceticismo, elementos expoentes do conhecimento científico inversamente ao senso comum. Para que sua prática não adquira características do fazer não escolar, ele necessita de uma postura nova por onde pense, haja e se expresse cientificamente; ou seja, movido por orientações racionais onde se dará o conhecer, o compreender, o interpretar, o explicar e o relacionar do saber que constrói, sem os quais, arrisca-se, além da razoável possibilidade de dificultar o processo ensinar-aprender, de ter o seu esforço, metodologia e avaliação rejeitados por serem incoerentes à aceitação universal, porque negligencia a procedimentos de cientificidade.

Um exercício de cientificidade que o educador escolar deve sempre fazer é buscar a compreensão de que as verdades são, no mínimo, provisórias. Isto faz com que o produto do seu trabalho, igualmente o seja. Caso se reserve numa postura tradicional de “dono do saber” e “senhor absoluto da verdade”, suas contribuições não adquirirão profundidade suficiente para ir vencendo os obstáculos que surgem com as novas experimentações e teorias ficando, portanto, inválido o conhecimento escolar por ele desenvolvido.

Mas, como formar uma postura educativa nova? Sem mais poder acomodar-se, o educador deve tomar por base alguns elementos, os quais são aqui sugeridos, recorrendo a alguns relatos de FREITAS (1993):

- Pesquisa Científica: É um instrumento de construção sistemática do conhecimento. Tem como finalidade a busca e a solução para um problema identificado. O que resulta desta investigação deve acrescentar algo ao saber

anterior, o que também precisa ser comunicado e tornado de domínio público.

- Respaldo Teórico: Este fator restringe a amplitude dos fenômenos, definindo sua pertinência e contribuindo para a delimitação do estudo e a definição metodológica utilizada.
- Método científico: Um meio confiável, pelo qual deve ocorrer. É um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos com os quais se legitimam os elementos anteriores.

De fato, se o educador escolar realiza, direta ou indiretamente, um embate epistemológico entre o saber comum e o saber científico, seu perfil sofre influências. Defende-se que não poderá conformar-se com o recebido em livros e outros recursos pedagógicos, mas deve-se testar e produzir informações com criatividade e inovação. Para isto, há de recorrer ao que já fora escrito pois, afinal, tratar-se-á de um acréscimo ao conhecimento, o que não é fácil, porque necessitará quebrar tradições e desenvolver atitudes novas, diferentes das que são tomadas no cotidiano, no senso comum.

O educador escolar pode adquirir e praticar o conhecimento científico em teoria e ação. Satisfará toda necessidade de compreensão, elaboração e execução de projetos e pesquisa e construção de textos didáticos e relatórios. Esta especificidade contempla desde saber escolher o tema, justificar razões teóricas e práticas do trabalho, formular problemas, definir objetivos, hipóteses e termos; e discutir a fundamentação teórico metodológica. O fazer conhecimento científico igualmente reivindica um aprendizado sobre o espaço que irá estudar, ou seja, o campo da pesquisa. Assim, procurará aprender sobre fontes de coletas de dados, amostragem, população alvo e elementos; quando então, acrescentará ao seu aprendizado instrumentos de coleta, montagem de cronograma, orçamento e normatizações técnicas para citações, notas de rodapé e referências bibliográficas; essas últimas, nas versões sempre atualizadas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para trabalhos que possam ser publicados no Brasil.

Entre o presente e o futuro

Os desafios que o docente enfrenta são constantes. Alguns protestam por conta do desinteresse dos alunos, falam do mau comportamento e comentam sobre os reflexos sociais e culturais na educação escolar. Todavia, quase não se ouve falar sobre a qualidade da prática pedagógica, algo inadiável em tempos de globalização.

Hoje, os meios de formação profissional para o magistério são inúmeros em todos os níveis e modalidades do ensino. É possível encontrar diferentes formas de flexibilização destes cursos, especialmente em nível Médio, Superior e Pós Graduação, como ocorre no Estado de Roraima, através do Projeto Caimbé I e II, Magistério Parcelado Indígena, Licenciaturas e Especializações; e áreas afins.

Ao exposto, uma pergunta faz-se pertinente: Por que o discurso de que nada se faz

pela qualidade do ensino, permanece inalterado? Será a qualidade na educação escolar apenas um desejo, um símbolo que se quer apenas venerar? É que os resultados já deveriam estar se manifestando. Mas, parece que só virão no amanhã. Muitos docentes desejam somente ascender nos títulos, numa carreira individualista. E esquecem de que seu trabalho, sua profissão é coletiva. Podem até aderir àqueles programas, porém, por melhores que sejam seus formadores, isto não significa melhoria na prática pedagógica e na aprendizagem; uma constatação que pode ser feita pelas múltiplas deficiências que docentes e discentes tem apresentado nos diferentes lugares e contextos aqui expostos.

Como reivindicar uma sociedade nova, se não há inovação no compromisso político daquele que ensina? Nisto, percebe-se uma profunda incoerência, porque em se tratando de competências pedagógicas há sempre lacunas; e, por reflexo, se estendem à aprendizagem e à vida de quem está no processo ensinar-aprender. Na vida do docente, conformando ao reprodutivismo; do discente, a letargia intelectual, cultural, política, social e econômica, o que poderia ser diferente se, além do compromisso político pedagógico, o docente construísse em si uma identidade de educador, implicando numa leitura interior e exterior de si e do mundo, e numa prática coerentemente coletiva, o que passa por uma visão e ação científica. Talvez, com este ser novo e postura nova, uma sociedade nova deixe de ser algo tão longe, mas, uma realidade próxima, como diz Paulo Freire:

A SOCIEDADE NOVA

“ O que é uma sociedade sem exploradores nem explorados? É a sociedade em que nenhum homem, nenhuma mulher, nenhum grupo de pessoas, nenhuma classe explora a força de trabalho dos outros. É a sociedade em que não há privilégios para os que trabalham com a caneta e só brigações para os que trabalham com as mãos, nas roças e nas fábricas. Todos são trabalhadores a serviço do bem”
(1985:77).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, C. L.; KELLEN, Vicente. *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1985.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 3 ed, São Paulo: Atlas, 1991.

FREITAS, Iêda Maria Araújo Chaves. *Curso de introdução à metodologia do trabalho Científico*. URRN (mimeog.), Mossoró, RN, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Corte, 1992.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e competência*. 6 ed, São Paulo: Cortez, 1997.

WERNEK, Hamilton. *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.